



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO A PARTIR DA QUADRILHA JUNINA

Lucas Leon Vieira de Serpa Brandão¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, lucas_serpab@hotmail.com;

Introdução

Não pretendemos neste trabalho limitar a luta da mulher do campo, mas dar visibilidade as condições a essas mulheres que vivem em uma situação de silenciamento engessada por valores tradicionais que dividem as atividades e comportamentos como naturais de um gênero ou de outro a partir de uma análise de suas manifestações culturais. Para além de trabalhos domésticos observamos sobre as mulheres do campo um nível de repressão implícito e uma forma de controle sutil. Onde a maioria destas mulheres são subordinadas aos seus pais, tios, irmãos e maridos e que têm maior dificuldade para se livrar de suas amarras, pois suas vozes são silenciadas de modo grosseiro, desdenhativo. Aquela vida sujeitada que atina para as diferenças tem sua autoestima esmagada pelo processo de naturalização que dificulta a visualização de um horizonte diferente. A oralidade da transmissão de ensinamentos que se consagra de geração em geração, as relações cotidianas, as manifestações culturais não permitem outra forma de percepção para tais mulheres. Mas de que forma essas manifestações demonstram ainda a subordinação das mulheres? Como uma análise de uma manifestação cultural revela a educação dos gestos femininos?

A princípio é necessário que se entenda o processo de consolidação do termo gênero a partir do movimento feminista para que possamos inferir sobre o contexto ao qual este trabalho esta inserido: a partir de dados históricos, tem-se relato que no início da década de 70, estudiosas anglo-saxãs começaram utilizar o termo *gender* para se referir as desigualdades entre homens e mulheres, para além das desigualdades anatômicas, de forma a tratar das diferenças e desigualdades social e culturalmente construídas.

Apartado de correntes ideológicas¹ do feminismo, usaremos, para fins explicativos, o termo gênero como uma categoria analítica que viria a explicar um emaranhado de atribuições sociais e culturais postas aos indivíduos de diferentes sexos para considerarmos tanto a ideia de papéis exercidos por homens e mulheres, quanto para a ampliação de conhecimento que considera as instituições sociais a partir da análise dos processos sociais em que os sujeitos estão envolvidos em uma relação de poder – hierarquia de gênero -, uma vez que segundo Daniela Auad (2006):

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas correspondem às relações de poder.

¹ Correntes ideológicas, nesse contexto, serão entendidas como as vertentes originadas do feminismo base, como por exemplo: feminismo interseccional, feminismo negro, transfeminismo, entre outras.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. (AUAD, 2006. p. 19)

Tais relações de poder são evidenciadas também na manifestação da dança, visto que conforme o Coletivo de Autores (1992) a dança é uma linguagem social que expressa os vários aspectos da vida humana em sociedade, como o trabalho, os costumes, os hábitos, entre outros. Sendo assim, a dança pode ser considerada como um espelho ou um reflexo de determinada sociedade, já que trás uma percepção artística da vida e das relações sociais a partir das diferenças sociais e culturais relacionadas à gênero, classe social, etnia, religião, evidenciadas a partir de gestos e posturas diferenciadas culturalmente, e a dança como uma das práticas corporais produzidas historicamente pela humanidade, é categorizada por gênero.

Ao tratarmos de tais conceitos dentro da realidade camponesa², há um aprofundamento das opressões e uma carência de conceitos libertários no que tange os papéis compulsórios de gênero estabelecidos no modo de vida camponês, refletido de forma incisiva nas relações sociais e culturais estabelecidas nessa população e a evidência da “tradicionalização” das desigualdades impostas e evidenciadas demonstrando explicitamente a subordinação da mulher. Esse reflexo nas relações estabelecidas entre os indivíduos perpassa nas suas manifestações culturais, de forma pela qual, os papéis de homens e mulheres dentro do contexto de gestos, passos e posturas são analiticamente explicados pela percepção de seus papéis societários e impostos durante a execução de dança.

A quadrilha junina como uma construção histórica, social e cultural está – evidentemente - passível de interferências das concepções de gênero estabelecidas na sociedade e reprodutora de tais manifestações de forma contundente e perceptível, por exemplo, na condução da dama ou na forma de cumprimento das damas aos cavalheiros. Contudo, em um aprofundamento de estudos revela-se que tais relações, são comumente explicadas a partir do contexto histórico pela qual a dança foi construída e embora date – com controvérsias – o século XVI, o papel imposto às mulheres, em uma análise social, continua praticamente imutável e persistente. Sendo a dança – especificamente a quadrilha junina - uma manifestação comum aos camponeses e uma construção atribuída a eles, foi percebido como um viés – ou instrumento pedagógico – para ser amplamente discutido as questões de gênero e a reflexão simbólica dos papéis sociais dentro da dança.

A partir de tais evidências foi colocado como objetivação do trabalho concreto, desenvolvido durante a 1ª Olimpíada da Juventude Rural de Pernambuco, a tentativa de problematizar tais relações em uma perspectiva teórico-prática de forma a superar as desigualdades de gênero a partir de uma crítica a suas manifestações em face da realidade camponesa no que tange a quadrilha junina.

Metodologia

²Realidade camponesa, neste contexto, refere-se a realidade do campo da juventude rural do estado de Pernambuco percebida e amplamente discutida através de intervenção teórico-prática durante a 1ª Olimpíada da Juventude Rural realizada em Carpina – PE.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O trabalho concreto teve sua estruturação prévia a partir de uma massiva revisão de literatura com pesquisas sobre os termos: gênero, relações de gênero no campo, gênero e escola, relações de gênero na dança, entre outros. Logo após, foi feita a vivência com a juventude do campo de Pernambuco para obtenção de dados para nortear e qualificar o trabalho, sendo esse desenvolvido a partir da parceria entre jovens da Federação de Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco (FETAPE) e bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência de Educação Física (PIBID-EF) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). A partir dessas relações de troca, o trabalho pode ser aplicado intercalando atividades práticas e teóricas com base na pedagogia histórico-crítica desenvolvida por Demerval Saviani (2007) e João Luiz Gasparin (2007) onde o processo educativo é feito a partir da prática social, problematização da mesma, instrumentalização de novos dados e contextos, catarse e volta a prática social de forma a propor saltos qualitativos e que o aprendizado seja refletido na forma comportamental de ação.

Resultados e Discussão

O que é gênero na cabeça de uma mulher do campo? - Onde a maioria das atividades econômicas são pautadas em ações físicas que envolvem trabalhos de manuseio e movimentações em geral e por isso sua jornada é no mínimo tripla, pois esta é ainda responsável pelo seu cônjuge em tempo integral, demanda uma grande carga de afazeres domésticos e ainda o “ajuda” na agricultura familiar sem quaisquer questionamentos profundos. De onde vem a colocação de seu papel e a condução de seus gestos? – Se não há mais escolas de formação de moças, mas seus gestos são comumente problematizados e corrigidos, na verdade onde sequer há escola com um currículo voltado para sua realidade. Como a cultura influencia na afirmação da submissão da mulher? – Cultura essa arraigada a historicidade de um povo e reflexo de um modo de vida, onde as posições perpassam as gerações sem problematizações e questionamento. Nesse sentido Cecília Toledo (2008) coloca:

As descobertas antropológicas permitem afirmar que a mulher não nasceu oprimida, mas passou a sê-lo devido a inúmeros fatores, dentre os quais os decisivos foram as relações econômicas, que depois determinaram toda superestrutura ideológica de sustentação dessa opressão: as crenças, os valores, os costumes, a cultura em geral. (TOLEDO, 2008. p. 33)

Mesmo o patriarcado tendo sua base sendo rompida há mais de 40 anos atrás e a revolução tecnológica propiciando o “fim” da divisão sexual das tarefas onde a mulher não só divide o poder econômico com o homem mas também como, quando e se quer ter filhos (em uma visão rasa), tais revoluções estão longe ou apartadas da realidade camponesa, e isto é visível. A necessidade de problematização do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

papel da mulher – embora exista – é pouco difundida e muito menos combativa as atitudes machistas, o que fortalece a existência de espaços como esses, para a discussão de gênero e feminismo no campo.

A reflexão sobre os assuntos pautados foram alvo de rupturas, conflitos, estranhamentos, conflitualidades e conscientização que fizeram com que o processo formativo trouxesse saltos qualitativos na forma de ensino (para os bolsistas) e compreensão (para a juventude rural) de forma a perceber e “deslimitar” o papel das mulheres do campo evidenciando ao que está submetida às posições sociais e a influência cultural neste processo. A quadrilha junina foi apenas o viés metodológico mais visível e usual - dado o contexto camponês - para que se pudesse aprofundar o debate e conscientizar as mulheres do campo em uma tentativa de empoderá-las de forma a destruir valores estabelecidos como inquestionáveis, que a quadrilha junina se torne apenas um molde do passado e tenha sua utilidade apenas como referência histórica e viés de problematização, que seja visualizada como um histórico ao qual as mulheres não mais se submeterão. Estamos tratando de igualdade e após as vivências práticas as mulheres sugeriram a mudanças de gestos, como a forma de cumprimento ou a forma de condução.

Conclusões

As discussões sobre os conceitos e práticas sobre essa realidade não deve estar estagnada ou meticulosamente construída a partir da interpretação pessoal ou mesmo alheia ao entendimento da práxis dessas pessoas, é importante conhecer a realidade do campo. E embora a assimilação de teorias e conceitos seja importante, ela se torna ineficaz. Necessita-se que esses novos sujeitos – homens e mulheres -, através desse espaço formativo sejam protagonistas históricos – e no campo das idealizações – que tenham saído com embasamento necessário para construção de uma nova sociedade, mais justa e favorável ao papel feminino. Além disso, é imprescindível a garantia do acesso a educação do campo, pautada na realidade dessas pessoas com problematizações concisas a respeito de suas vivências.

Referências Bibliográficas

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

OLIVIERA, Priscila C. D. de et al. **Agricultura Familiar e as Relações de Gênero**: um estudo da trajetória da mulher na agricultura familiar. 2007. Disponível em: <http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais_Artigos/Agricultura_Familiar.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SILVA, Edvânia Aparecida da. **Mulher do Campo**: educação e relações de gênero. [*sine datum*]. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_2269.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2015.

LUSA, Mailiz Garibotti. Relações de Gênero no Campo: a superação dos papéis tradicionais como desafio à proteção social básica e o papel dos assistentes sociais. **Gênero**, Niterói, v. 13, n. 1, p.93-106, jan. 2012.

CASARES, Aurelia Martín. **Antropología del Género**: Cultura, Mitos y Esteriotipos Sexuales. 2. ed. Madrid: Ed. Cátedra, 2008. 343 p.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres**: O gênero nos une, a classe nos divide. São Paulo: Ed. Sundermann. 2008

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1983. 171 p.

TEXEIRA, Adla Betsaida Martins; DUMONT, Adilson (Org.). **Discutindo Relações de Gênero na Escola**: reflexões e propostas para a ação docente. Araraquara: Ed. Junqueira&Marin; 2009.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Prática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. São Paulo, Ed. Autores Associados, 2007.

AUAD, Daniela. **Educar Meninos e Meninas**: relações de gênero na escola. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Gênero e Diversidade na Escola**: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Caderno de Atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

GOVERNO DE PERNAMBUCO. Secretaria da Mulher. **Mulheres Construindo Igualdades**. Recife: A Secretaria, 2011.